

De murunduns e fronteiras

Caminho de volta. A sombra é invertida. Agora já são mais de 60 borboletas. Parei de contar quando uma estava para morrer. Não tive coragem de guardá-la.

Estou numa porção de terra cercada de água por todos os lados, menos um, ligado ao continente. Quase ilha.

O cheiro de mangue ativa alguma parte da memória e me joga para longe. Precisamente dez anos atrás. A incompatibilidade entre o tempo corrido, o vivido, o lembrado, o esquecido, o sonhado. Pessoas e lugares que não posso resgatar. Pequenos falecimentos coletivos.

De volta ao suposto tempo presente, torres de concreto e vidro. Piscinas privadas diante de águas poluídas. Espaços de silêncio entre burburinhos condominiais. Direito de propriedade exercido em comum.

A promessa de qualidade de vida e o habitual modo de vida. O prometido e o usufruído. Vastas áreas a serem compartilhadas.

13 andares e 12 apartamentos. Só aí já somos 156.

Avisto uma ilhota em meio a águas, prédios e shoppings. Um território neutro, silencioso, observador, passivo, tímido, úmido, como muitos dos que já passei.

Dimensão de solidão, lentidão e duração.

O que é superficial transforma-se em experiências especiais. É estar na varanda e ver o casal que fuma cigarros e lê e-mails no laptop, e a faxineira que penteia a planta ensolarada. É ouvir as marretadas da obra e um radinho Nextel que apita, apita. Alguém me espia, mas se esconde atrás das cortinas. Eu te vejo, você me vê.

O som é realmente estranho. Helicópteros e marretas (muitas marretas em distâncias variadas) e ventos e apitos de rádio. O som não condiz com a imagem tranquila e vazia que se tem daqui de cima. Não vejo alma viva circulando pela área. 28 espreguiçadeiras ao sol.

No meu andar, todos os apartamentos parecem estar vazios. Janelões sem cortina que deixam transparecer o interior desabitado.

Daí vejo a ilha. É sensacional.

Conforme as manhãs chegam, o cheiro ruim se ameniza, o barulho diminui. O estar faz.

À noite são muitos os que correm: homens, motos, carros, ônibus, morcegos, mosquitos, gatos. As ruas estão vazias porque todos correm.

Um vizinho fala ao celular e anda de um lado a outro da varanda. Tira a minha privacidade, fitando-me. Eu olho para frente e vejo a quantidade gigantesca de varandas que também poderiam fitar-me, e sinto-me menos capaz de exigir qualquer exclusividade dessa natureza.

Recebo a CEG e os pedreiros para consertar uma infiltração do apartamento 1412. Fui até a vizinha pedir que desligasse o registro do lavabo para estancar a água. Assino papéis, vistorias, recomendações, promessas de adequações.

Conversas à parte, a estrutura de serviços e atendimento colaboram para a manutenção da bolha sedutora na que estou envolvida, que quer me convencer de que ficar aqui é a melhor opção. A ideia é chegar do trabalho sexta-feira e não sair até segunda. Aqui existem as mais variadas opções de lazer e esporte de que se possa precisar, como se isso bastasse para a satisfação plena do ser humano.

Passeio de bicicleta pela trilha, na beira do mangue, mergulho na piscina e faço sauna. Depois chego em casa, vejo o pôr-do-sol da varanda e tomo uma água de coco. Realmente me sinto um ser humano pleno. Até sair pelas muitas grades que me separam das vias públicas "de fato" e perceber como é bom caminhar até a padaria e pegar o metrô para ir ao centro da cidade, ver uma exposição ou um filme, tomar uma cerveja com os amigos que encontrei sem querer pelo bairro.

Conheço senhoras que passam seus dias aqui. Fazem todas as atividades oferecidas pelo condomínio. Fazem novos amigos e sentem-se felizes. Vendem produtos Natura. Logo querem saber o número do meu apartamento para me convidarem para o vôlei das sextas na quadra de areia.

Eles vivem na água porque querem viver para sempre.

Planejamento, comercialização, frete, mudança, oferta, lançamento, financiamento, empreendimento, vendas, visitas, stand, propriedade, realização, construção, incorporação.

Mandarim é chinês, mas também é o nome do meu prédio e de uma boate francesa famosa.

Lavou tá novo.

Essa península de memórias vira um martírio melancólico, nostálgico. Sinto a perda de muitas coisas. Dia 01 de setembro de 2010 e o fechamento de ciclos. Mercúrio retrógrado.

Venho morar nessa casa quando por primeira vez tenho minha própria casa. É estranho deixar aquilo que construí com dificuldade e esmero, para habitar um apartamento impessoal e unissex. Mesmo assim, gosto daqui, sinto-me acolhida. São 4,5 m de pé-direito e uma vista espetacular. Mas não posso voltar para a minha casa até o final desse projeto. Não posso sair da empola que construo diariamente, para não estragar o feitiço. Não morar na Barra é uma opção que faço, portanto, estar aqui agora é um esforço para me convencer de que posso viver bem em qualquer lugar. Estou a 22,6 km da minha casa, em Botafogo. A sensação de distância é muito superior aos quilômetros de fato percorridos. A Península é um meio termo entre a zona urbana e a zona rural. Seria uma zona limítrofe? Zona condominial? Zona feudal?

Condomínios dentro de um grande condomínio, com aspiração a bairro. Estar aqui é estar dependente de tudo. Preciso de um carro para me locomover – não posso simplesmente sair andando. Preciso de alguém para falar, porque a solidão e o silêncio beiram o insuportável.

O gesso do lavabo está quebrado para que se visite o encanamento no andar de cima. Ganhei um sótão. Sábado à noite e são poucas as luzes acesas no meu prédio. Na penumbra da cobertura vizinha, rapazes se abraçam e uma garota histérica dança com os braços para o céu, ao som do batidão.

Saio a perambular pelas ruas, no limiar entre a vegetação do mangue e a calçada. Ninguém caminha por ali àquela hora. Devem ter medo dos bichos. Eu também tenho, mas finco o tripé para olhar através do mato iluminado. Sinto um campo de força de mosquitos, intimidados com o repelente. Conforme avanço na linha dos postes, detectores de ausência, ouço vozes e gritos dos apartamentos mais avantajados. Festas e jantares íntimos, e por primeira vez sinto vontade de me agregar a algum grupo. Deparo-me com dois rapazes que se embrenham na trilha da restinga para fumar um baseado. Dá até vontade, para bater um papo. As poucas pessoas que passam por mim, encaram-me como se eu fosse um alienígena, armada no meio da noite, nessa área bastante inóspita que é a beira do manguezal. Logo depois do primeiro impacto, viro invisível.

Teremos o mesmo tempo para conquistar continentes distintos.

6:00h da manhã e as cortinas parecem gigantes dançando em volta de mim. O vento assovia por todas as gretas e não há maneira de calá-lo. A água da lagoa, frisada, corre em diagonal em velocidade impressionante.

Quando o céu se nubla, vejo as marcas das gotas d'água, maresia e poeira agarradas nos vidros das janelas.

Que lugar mais estranho onde durmo por onze horas ininterruptas.

São 250 apartamentos divididos em colunas de muitos elevadores. Do social ao de serviço, preciso atravessar quatro portas corta-fogo. A escada de emergência não fica próxima ao elevador. Quase que diariamente perco a saída.

Mangue-vermelho, mangue-preto e mangue-branco. Rizófora e casuarina. Rede de contenção de lixo, garrafa pet 2 litros, alga, gigoga, pneumatóforos, jacaré, capivara, gambá, frango d'água, mutuca, jaçanã, garça-branca, garça-rosa, biguá, biguatinga, socó, socó-boi, gavião-carrapateiro, gavião-carcará, martim-pescador, maçarico.

Pisei no sol. Demora um tempo para o olho se acostumar e enxergar através do regurgito. Espinha de peixe, conchas e formigas se camuflam pela fuligem e a capa branca e ácida do vômito dos pássaros. Penas de todos os tamanhos. Coco verde e coco seco. O balanço das folhas e galhos lembram passos, apesar de eu estar sozinha.

Terra solar, de corpos lentos, de quebra-molas e redutores de velocidade, de querer cochilar na tarde tépida, de preguiça, de dormência.

Na solidão se vê o espaço e o tempo, fazendo estender o instante ou fazendo-o parar.

Negociações, colaborações e confiança. Só para dizer alguns termos do cotidiano.

Toda semana recebo a visita de um funcionário para concluir o serviço no teto do lavabo.

Pego a trilha do mangue do lado de lá, do lado do *shopping*. Já não estou entre as grades e, curiosamente, sinto-me desprotegida. Tenho a sensação de que alguém pode saltar do meio do mato para me atacar. Não encontro outros ciclistas, só alguns funcionários que aproveitam a sombra para a *siesta* do almoço. Acelero o pedal para voltar rapidamente para a grade. A bolha faz isso com a gente.

Vejo um prédio em construção e um canteiro em sondagem. Vivo a promessa de um bairro. Do alto, entre os vergalhões que se empenham transversais ao horizonte, avisto os terrenos preparados, tanques de grama, que um dia terão mais de 500 pessoas morando em verticais. Entro num futuro duplex, com sua fossa que um dia será piscina, enquanto tudo é cinza-cimento, cinza-concreto, cinza-poeira. É a ruína do que ainda não é.

Penso em piscinas. Pequenos territórios aquáticos em cima do mangue. Bizarro pensar que a água da lagoa é imprópria para banho e que milhões são gastos em poças artificiais, de azul reluzente, cloro, salva-vidas e luzes. Cada condomínio tem a sua. Cada cobertura tem a sua. Fora os chafarizes e laguinhos espalhados pela propriedade comum. Olho para a água marrom do mangue, com uma mancha enorme verde fluorescente de algas tóxicas que se aproximam da vegetação rasteira, tingindo-a. Ali já se pescou muito. A água era limpa e dava para nadar. Não tinha jacaré. Isso faz uns 25 anos. Hoje ninguém pode mergulhar. Nada sai da água além dos preservadores do mangue e de uma balsinha que faz a travessia para um ponto fixo. Tanta água que traz, além de jacaré e capivara, lixo e esgoto. Tem até praia. Cruzando algumas fronteiras, chega-se ao chamado Rio das Pedras, uma área favelizada que joga sem piedade todos os dejetos possíveis na lagoa. Metano borbulha, pneu bóia. Ali crianças se banham, especialmente se vêm uma câmera fotográfica que possa registrar o momento. As águas do Camorim se reúnem com as do Anil, mas não se misturam. O verde e o preto se encostam mas não se alteram, limítrofes.

A partir da minha varanda, a paisagem se constitui de piscina, prédios, mangue, lagoa, mangue, *shoppings*, Cidade da Música, prédios e mar. A perspectiva é dada por linhas horizontais sobrepostas e rasgos verticais como anteparos. Talvez seja a vista mais heterogênea que conheço, já que não miro desde um ponto muito alto, e o que vejo não se encontra muito abaixo de mim. É diferente de olhar pela janela do avião. Tudo o que vejo está na linha dos meus olhos, até o guarda-corpo da varanda, do qual preciso me desvencilhar para de fato ver a linha do horizonte.

Todos os prédios da Península têm 15 pavimentos e cobertura. Os mais antigos devem ter 5 anos, mas já apresentam manchas de umidade escorrendo pela fachada. Nem todas as unidades foram entregues aos donos. Em alguns edifícios, vê-se poucas janelas iluminadas. Altos blocos na avenida beira mangue, a avenida dos Jacarandás.

Ainda falta muito por subir, apesar de dizerem na publicidade que só haverá 8% da área total construída. Pergunto se rua, praça e área verde urbanizada e planejada não são áreas construídas. Se o mangue paisagístico não é área construída. Não há um só canto nessas terras que não tenha o peso da mão humana.

Os pássaros estão numa cantoria só. Muito forte mesmo. Um se desgarrou e veio pousar em cima da antena do que seria o 17º andar. Sozinho ele aprecia algo que ignoro. Choveu e deve ter alguma relação com isso. As plantas também estão bem mais verdes. Os tons se separam e é bonito de ver. Mas nem sei quem vê isso. Nas ruas, só vejo funcionários de todos os tipos, fazendo mil manutenções e consertos e implementações. É uma pena que não se dêem conta de como o bosque fica incrível depois da chuva.

Construção no osso tem cara de ruína. Difícil separar o que se molda do que se rui, porque na verdade o que se rui também está se moldando com o tempo e com a inércia do homem.

Margarida é de Passa e Fica. É passifiquense. Não é o nome de um rio, mas de uma bodega que deu início à cidade. Pense numa birosca no meio da estrada que começa a agregar gente, que faz casa, que faz povoado, que faz cidade. É o contrário daqui, onde se faz casa para agregar gente e para só então fazer a birosca.

Os momentos finais de qualquer coisa sempre te deixam frágil. A saudade que está por vir. O passado que ainda não chegou, mas que é totalmente imaginado. E pensar que quando cheguei aqui, fui arremessada para dez anos atrás.

Luiza Baldan

Setembro 2010